



---

Comunicação oral: Eixo 1 – A educação básica brasileira e desafios da atualidade

## **A EVOLUÇÃO FÍSICA HUMANA, A UTILIZAÇÃO DE SUAS FACULDADES PARA A PRÁTICA LABORAL E AS SÍNDROMES DO TRABALHO EDUCACIONAL**

Antônio Carlos Coqueiro Pereira – IESKS/PY\*

---

**Resumo:** O artigo elaborado tem como objetivo principal buscar a forma como a pandemia da COVID-19, mostra a desigualdade social no mundo e no Brasil, com a dificuldade de propagar uma educação de qualidade para todos, de forma igualitária, com estrutura de tecnologias remotas, acesso a mecanismos tecnológicos, sinais de internet e preparação adequada através de formação continuada para os professores. Com enfoque nas análises dos resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes - PISA e do Índices de Desenvolvimento da Educação no Básica - IDEB, antes da COVID-19, para refletir o que pode acontecer com os resultados pós pandemia. O método de pesquisa é a revisão bibliográfica, com utilização de livros e material relacionado aos dados encontrados, de cunho qualitativo e resultados mostrados dentro da escrita do artigo. Destina a todos os interessados que estão fazendo cursos de graduação, pós-graduação, mestrado, doutorado.

**Palavras-chave:** Educação. Comprovação da Desigualdade. Pandemia.

### **Introdução**

#### **A história das crises epidêmicas e a desigualdade social**

Ao longo da história, houve várias formas de contexto entre o poder e aqueles que não sustentavam o poder ou eram excluídos por viverem a margem da pobreza ou da desigualdade econômica dentro do espaço onde estava inserido. Assim não distinguia quem era de cor ou se eram caucasianos ou até mesmo aqueles que já foram um dia afortunados e caiu nas desgraças da pobreza com falência ou perda dos seus bens, dessa forma ocorreu com a humanidade séculos afora. Hoje pode-se notar que isso trazia consequências drásticas nos tempos da propagação da cólera, da devastação por insetos em lavouras no Egito, nas proliferações da peste bubônica, da varíola, sarampo, malária, a gripe espanhola, o H1N1, ebola, SIDA (AIDS) e agora a COVID 19. Nós não vivemos na época da peste negra ou da peste bubônica, mas hoje pode-se imaginar e retratar como foi isso na Europa. Muitas vezes morriam ricos, pobres, negros, brancos etc. Mas, o que ocorre hoje pode ser comparado aqueles que eram de classe média e inferior, os que mais sofriam, pois não tinham amparo de reis, príncipes, dos senhores feudais e nem da nobreza.

---

\*Mestrando em Gerência e Administração de Políticas Culturais e Educacionais o Instituto de Educación Superior Kyre`y Sãso (IESKS), Professor da Educação Básica no Município de Barra da Estiva - Bahia.



Assim, pode-se contextualizar ou fazer uma analogia sobre o que aconteciam naquela época. Diante do descaso de autoridades para os que eram menos afortunados, comparadas com os burgueses de hoje, encabeçado por um presidente que não tem a noção do que está acontecendo no país e vira as costas para milhares de pessoas infectadas, pessoas que perderam a vida e, estimulando psicologicamente a população a pensar que está tudo normal com atos irresponsáveis, não dando exemplo do que é correto fazer e, encontra a ciência a conjuntura do bem-estar da população que preside. Assim, a barbárie do poder faz com que a necropolítica, epistemicídio e o biopoder se entrelaçam des de séculos anteriores e veem desmascarar um conceito de sociedade e de Constituição de uma nação ir para o ralo e para uma sarjeta com ideais neoliberal e fascista.

O povo sofre, historicamente ele foi uma ferramenta de alienação para a sustentação dos que estão na camada mais alta da pirâmide social. Na visão de um aristocrata, de um político, de burgueses e de quem ostenta poder necessitam de quem está nas camadas inferiores para essa sustentação da sua base não seja esfacelada. A história continua mostrando essa realidade, que nunca vai deixar de existir se não houver uma reviravolta no contexto político mundial, no que se trata da concepção que o dinheiro não é mais importante do que a vida humana, do que a pose de lorde, da ganância do poder político, da exploração humana e da concepção que existem seres humanos inferiores e outros superiores. O homem na sua essência deveria ser um sujeito puro, pois nasce puro, não acredita que a sociedade lhe corrompa. O que corrompe ao homem é o seu caráter, a sua concepção do ter para o ser e não ser para ter. O processo conceitual desse homem vem das questões filosóficas da História Antiga, Idade Média, da modernidade e perpassa na contemporaneidade.

### **O mundo com a COVID-19 e a desigualdade social e educacional**

A história do homem vem sendo marcada por grandes tragédias, poderia começar com a história antiga, muito antes do nascimento de Cristo. Limita-se esse trabalho ao início da Idade Média, adentrando na Idade Moderna e continua na contemporaneidade. Começa por crises de varíolas, adentra na peste negra ou febre bubônica, vai para o sarampo e chega à meningite. Só que o campo da meningite, sarampo e a peste bubônica foram epidemias regionais e que não tiveram proporção mundial no que está acontecendo agora.

O poderio econômico fez com que compras de ventiladores artificiais fossem confiscados quando entravam nos portos e aqueles que fizeram compromissos de compras ficavam sem o produto porque a força do poder econômico e militar não deixava os países pobres reivindicarem o seu poder de compra. Isso pode constar com uma força da micropolítica atrelado com o epistemicídio em relação ao que pode sobre o que não pode. Assim, claramente o poder do mais forte não importa com o que vidas fossem ceifadas pela COVID-



19 nos países subdesenvolvidos. Qual a diferença da pandemia na contemporaneidade com a epidemia que aconteceu na Europa na Idade Média em que matou mais de dois terços da população?

Pode-se dizer que nenhuma, pois na pandemia da Idade Média, não foram vistas mortes só na classe mais pobre, também acontecia nas camadas mais privilegiadas financeiramente e com títulos de nobreza e hoje também não é diferente, a COVID-19 não escolhe quem contrai. Pois é uma doença que não tem só a camada mais pobre que morre, todas as camadas sociais estão propensas a contrair o vírus e morrer. A diferença da peste bubônica para a COVID-19 é a extensão de áreas afetadas, e que foi preciso elevar o nível de epidemia como aconteceu na Europa na Idade Média para a pandemia. Tal evento está acontecendo atualmente em todo o Planeta, sendo em alguns países com índices moderados e outros com alto índices de contaminação.

Pode-se dizer metaforicamente que o “O Planeta Parou” e que afetou toda a economia mundial. Sabe-se que a Europa, na Idade Média, principalmente no Século XIV, quando começou o homem do campo morar nos grandes centros, saia dos feudos de uma vulnerabilidade social, para entrar em outra que era os centros urbanos, sem um planejamento de estruturas físicas das cidades, sem uma preocupação com a higiene corporal individual, alimentar e principalmente sem uma higiene onde tinham as casas, ruas e o local onde moravam. Assim, pode-se compreender o possível motivo da causa da epidemia na Idade Média e hoje, com todo aparato moderno científico, com cientistas buscando respostas em um vasto meio de pesquisas, ainda não se comprovou a origem da COVID-19 no mundo.

Mas, a ciência na Idade Média teve resultado na causa da doença que matou muitos europeus e agora não sabem por onde começar a entender a evolução do vírus da COVID-19. Duas coincidências nos dois momentos da história, na Europa na Idade Média e no tempo contemporâneo, outra é o nível de desigualdade social assustador mesmo com séculos de diferenças entre os acontecimentos. Por esse entendimento, são visíveis as diferenças entre continentes, entre países, entre estados e municípios, quando se fala em termo espacial geográfico, quando trata de nível social da população e fazendo comparativos por região em países vulneráveis e continentes, vê-se um desequilíbrio enorme, pois existem populações dentro de países ricos que vivem à margem de seus compatriotas e até mesmo sendo vizinhos de bairros.

Pode-se citar os Estados Unidos da América onde não existe uma política social para a saúde, o governo não investe como devia na saúde pública gratuita e percebe que o número de mortes nesse país foi muito superior ao dos países em que tem uma política pública de saúde gratuita para todos. A assistência médica americana do Norte, está vinculada a plano grupal



em que são atendidos por classe trabalhadora que são firmados com empresas e quem oferece a assistência de saúde (NORONHA & UGÁ, 1995). A obrigatoriedade dos Estados Unidos da América é de forma que o governo paga complemento para que os hospitais atendam aqueles que não tem plano de saúde e que outra parte é para plano privado ou para instituições de caridade ligados a organizações sociais. Estima-se que há mais de quinze milhões de americanos sem uma assistência de saúde (RAMOS, 2017).

Pode-se também compreender que teve um desequilíbrio sobre as mortes daqueles considerados pobres, para aqueles que possuíam um plano de saúde privado ou que tiveram acesso a uma assistência médica particular. Na conjuntura social percebe-se que a diferença entre aquele que podia ter um acesso a médicos com maiores recursos e poderia sobreviver e quem não tinha acesso e morreu sem um tratamento adequado. Referindo-se ao setor da saúde, a COVID-19 mostra claramente que um país capitalista liberal de forma cruel define quem deve viver e quem deve morrer por falta de assistência médica. Os habitantes dos países mais pobres do continente africano, vêm lutando para que todos os habitantes possam enfrentar a pandemia com qualidade no tratamento hospitalar, tendo dificuldade nos números de médicos e de profissionais da saúde. O setor busca por aparelhagem adequada como ventiladores e respiradores artificiais e principalmente com o desequilíbrio entre números de habitantes infectados em relação aos números de leitos para o tratamento.

A escravidão, a colonização e o apartheid são consideradas não só como tendo aprisionado o sujeito africano na humilhação, no desenraizamento e no sofrimento indizível, mas também em uma zona de não-ser e de morte social caracterizada pela negação da dignidade, pelo profundo dano psíquico e pelos tormentos do exílio. (MBEMBE, 2001, p. 04)

A política de segregação racial, impostas pelos brancos anglo-saxões aos nativos da África do Sul, interferindo na qualidade da vida social, no que se pode dizer direito a ter uma educação democrática com formação qualificada, para desenvolver políticas públicas sem distinção e de cunho social para todos. O que foi imposto foi que o negro africano e o branco sul africano de origem inglesa teriam todo direito social diferenciado pela cor e a saúde não era para que todos tivessem acesso. Assim, pode também entender que nos países em que a promoção econômica da minoria sobrepõe a da maioria que depende da vontade de quem está no poder.

Pode-se também ter a mesma relação com os países pobres da Ásia, com números enormes de habitantes e pouco desenvolvidos na área de saúde e com números de profissionais da saúde insuficientes, também se estende aos países das Américas Central e do Sul. Mas, com toda essa preocupação, atenta-se para um fator muito relevante em torno da educação e, que



está relacionada com esse problema percebido, tendo os Estados Unidos da América, como exceção. Ao analisar o índice de escolaridades dos que habitam nos países pobres relacionados que estão na luta contra o COVID-19, veja qual é a quantidade de médicos com formação nesses países? E qual o nível de escolaridade e quantos frequentam a escolas com assiduidade?

São fatores dificultadores para o combate da crise de pandemia e obter maior sucesso com a diminuição de óbitos. As estruturas que têm no contexto educacional e social encontradas nos países africanos, asiáticos, americanos do centro e do sul, demonstram um contraste violento com o que pode ser comparado com os americanos do norte. A população norte americana tem toda a estrutura de desenvolvimento tecnológico e aparato para enfrentar a pandemia, porém não tem um sistema público de saúde, já os demais países pobres mencionados têm um sistema de saúde pública, mas não têm desenvolvimento, não têm uma estrutura educacional para capacitar e formar profissionais de saúde e serem empregados seus conhecimentos de formação no combate a pandemia da COVID-19.

No Brasil, percebe-se que o combate ao vírus está sendo evidenciado na forma social da regionalização espacial, na desigualdade urbana e rural, na distribuição de renda e principalmente quando vai tratar da educação, todos estão em busca de meios para levar conhecimentos de forma a amenizar o prejuízo para os alunos no ano letivo e na preparação no futuro de profissionais, em busca de uma ferramenta de combate ao que pode vir em relação a catástrofe, que envolva a saúde da população.

### **A verdade do emprego da educação em tempos de pandemia**

Fala-se de desequilíbrio social em países do continente africano, de muitos países pobres da Ásia e da América Central e da América do Sul, mas tem um país que ostenta melhor condição entre os países da América do Sul que é o Brasil, mas, existe um enfrentamento de uma situação causada por uma política educacional que não foi aplicada conforme a lei no passado e, que hoje está refletindo muito na educação neste período de pandemia com o emprego de aulas remotas. Pode-se notar que muitos gestores, tanto educacionais quanto do executivo estão preocupados com o retorno das aulas presenciais porque não tem uma garantia que as aulas remotas terão uma eficácia no seu emprego pelos professores.

Neste ponto, pode abrir uma reflexão interessante: de quem é a culpa que os profissionais da educação não têm habilidades para desenvolver aula remotas? De quem é a culpa que as unidades escolares não têm o aparato correto para serem administradas aulas remotas tanto dentro das unidades escolares ou quanto o professor transmite a aula de seu isolamento social? De quem é a culpa de que os alunos de classes mais pobres não têm acesso a internet de qualidade ou possuem um aparelho tecnológico para poder acessar a internet de qualidade



e ter uma aula remota? São tantos questionamentos percebidos a respeito da pandemia da COVID-19 vem evidenciar que existe uma disparidade em termos sociais, e em grande parte no universo da educação, dentro do espaço geográfico, onde quem está na zona urbana ainda tem um pouco de privilégio em relação aqueles que moram na longínqua zona rural.

Pode também observar que faltam profissionais de saúde dentro do país, por falta de uma política a acesso do aluno que concluiu o ensino médio a ter o acesso em uma formação de ensino superior para ter uma formação na área de saúde. São complexibilidades em problemas em que evidenciados, como o enfrentamento da situação em que se encontra a educação na modalidade remota. Essa modalidade pode ser um paliativo para essa desigualdade não afetar a todos que necessitam da educação para o conhecimento, que seja passado de forma que a competência e habilidade individual sejam efetivas.

Na atual política evidencia o direcionamento na qualidade do professor formador para o professor pesquisador, pois os dois necessitam estar atrelados a um sistema que não pode existir uma dicotomia entre a capacidade de formar como também de conhecer. Com o objetivo de chegar no que abordam as necessidades do ter competências e habilidades no final do curso em que o aluno está inserido. Assim, é visível na crise da pandemia da COVID-19, como essa formação está sendo necessária para que sejam empregadas novas metodologias com emprego da tecnologia digital, para que os alunos não sofram mais ainda nas aulas ofertadas remotamente. A necessidade da formação adequada para o professor em forma continuada deveria ter iniciado no passado para que a empregabilidade dessas novas práticas educacionais estivesse sendo utilizada durante a pandemia. Assim pode-se compreender o que está sendo abordado no seguimento desse capítulo com a citação do professor formador e pesquisador na área em que trata da formação continuada docente.

O primeiro passo da mudança é reconhecer a existência de um problema. Para quem defende que as estruturas atuais de formação de professores são adequadas e que o único “problema” é a falta de apoio, de condições ou de recursos, a mudança não se faz necessária. Este texto dirige-se a todos aqueles que se encontram na urgência de uma transformação do campo da formação docente. (NÓVOA, 2017, p. 06).

Quando iniciou a crise na educação devido ao COVID-19, detectou-se o problema como seriam as aulas para os alunos matriculados nas instituições de ensino, o acerto mais lógico foi a utilização da internet e dos aparelhos tecnológicos para administrar aulas remotas. Pronto! Solucionado! Nada disso, com a formação continuada não tendo um efetivo para todos os professores, com a falta de investimentos tecnológicos dentro das unidades escolares, com o desequilíbrio social entre os alunos para obter acesso à internet e a um aparelho tecnológico remoto, como seriam essas aulas, será que só entregar atividades para os alunos



responderem seria a solução? Não! Pois existe um fragmento entre responder e a explicação para responder esses questionamentos.

Há a necessidade de terem iniciado os investimentos na formação continuada dos professores e de aparelhos tecnológicos das unidades de ensino anterior a pandemia, e esses recursos fossem a solução efetiva. Colocando o que apontam os Índices do Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB no Brasil, nos três anos seguidos, dois mil e quinze, dois mil e dezessete e dois mil e dezenove, o avanço no Brasil não foi o que se previa e ainda agravadas com as suspensões das aulas presenciais e adequando a implantação de aulas remotas, percebe-se que vai ficar difícil para ter uma qualidade satisfatória para os anos vindouros pós pandemia. Mas a temática da formação dos professores não seria a solução? Solucionar um problema grande que vem se arrastando por décadas, com a falta de estruturas tecnológicas nas escolas, a política de extensão de abrangência de sinal de internet nos locais mais longínquos do país e por último a desigualdade econômica dos estudantes nas diferentes etapas de ensino e modalidades, que começa nos anos iniciais do ensino fundamental até no ensino universitário, e que de uma forma ou de outra não são apresentados caminhos possíveis para chegar a uma solução.

A preocupação com a educação e o enfrentamento da pandemia, na atual conjectura do Brasil, se estende também aos países subdesenvolvidos, pensar em uma política de negação histórica, na busca de ter uma ideologia que fosse de educar para preparar o povo, tanto das classes menos favorecidas, das classes medianas e da alta classe social em situações de igualdade e equidade educacional, para não passar no futuro o que está sendo comprovado hoje diante do enfrentamento da COVID-19.

### **A necropolítica dentro da educação em tempos de pandemia**

Quando se fala em desenvolvimento educacional, pode logo compreender que os índices que estão apontados no PISA - Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, vinculado ao **OCDE** (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), que avalia de três em três anos o nível de educação dos países envolvidos em um intervalo de três em três anos. Segundo o resultado de dois mil e dezoito, o Brasil ocupa uma das posições entre os piores países que estão vinculados a OCDE e isso faz com que se entenda, que as políticas públicas em que o país tem, não estão satisfazendo a necessidade de ter uma educação de qualidade. Ainda neste contexto, é importante trazer uma reflexão, quando se trata de regionalização educacional, pois comprova-se isso nos resultados do IDEB que apontam e ratificam o que está constando no PISA.

Vê a condição de um aluno que mora na zona rural do município de Tunaré no interior da Bahia, com um aluno que mora na Rocinha, uma favela do Rio de Janeiro, disparidade de





recursos é mais fácil, mesmo tendo um desequilíbrio econômico social, o que mora na favela da Rocinha no Rio de Janeiro pode ter acesso mais fácil do sinal da internet, um aparelho celular para ter aula remota do que o aluno da zona rural de Tunaré no interior da Bahia. Isso, quando a família que mora na favela tem poucos filhos, tem um emprego e uma atividade complementar de sua renda mensal e quando não tem, fica na mesma situação dos estudantes do município do interior da Bahia. Isso traduz essa reflexão, em torno de que, quando não tem uma política voltada para o desenvolvimento do estudante com investimentos tecnológicos na educação, quando não prepara o profissional do magistério em formação continuada, quando não tem uma política econômica ou até mesmo social para atender e atentar para a qualidade de ensino e da aprendizagem, pode-se configurar como um fator injusto social e configurar como um ato da necropolítica educacional.

A educação é o fator vital para a transformação social, econômica, intelectual e pessoal do indivíduo, em uma sociedade em que o conhecimento é mais preponderante do que o fator sorte na transformação de uma região. Ou tem um interesse de quem está no poder para não fornecer mecanismo satisfatório para que a população não tenha uma educação de qualidade para todos? A pandemia da COVID-19 está evidenciando isso, mesmo quando trata de relacionar a educação, com a saúde, com a economia, com os interesses de quem gerencia a educação em cada canto onde tem países subdesenvolvidos e isso, com toda a clareza, é uma política de epistemicídio educacional.

### **Considerações finais**

O desequilíbrio social e econômico no mundo já é um problema em que todos devem se preocupar, pois traz a doença da desigualdade, fome, negação dos direitos, da falta de uma política voltada para concretizar o que é bom para a coletividade humana. Com toda essa problemática causada por esses fatores, a junção no mundo da crise pandêmica e a proliferação da COVID-19 percebe-se que os mais afetados são aqueles que estão inseridos em países subdesenvolvidos, com emprego de recursos que não são satisfatórios, para adquirir elevação no Índice de Desenvolvimento Humano – IDH.

Pode-se também abordar o descaso histórico que sofreu a educação nesses países subdesenvolvidos com a falta de estruturas tecnológicas, uma formação continuada dos professores e a expansão de condição para os lugares longínquos do acesso à internet e, principalmente o investimento em políticas públicas para amenizar a questão social e a pobreza, facilitando que alunos de escolas públicas tivessem acesso a um aparelho móvel para ter aulas remotas em suas casas. Toda problemática que estamos vivenciando com a pandemia da COVID-19, pode-se constatar a acumulação de dificuldades sociais, econômicas e educacionais, e cada um desses problemas, infelizmente tem um longo período para serem





sanados. A solução da desigualdade é histórica, depende muito de tempo e de formação educacional dos agentes principais que é a população mais carente.

A estruturação das unidades escolares com aparelhos tecnológicos para possíveis aulas remotas, tem uma questão ideológica capitalista. Se eu que estou no poder facilitar para que todos tenham educação e ter uma ascensão social, quem vai me sustentar no topo? O problema é quem está no topo do poder, não quer cair. Quando percebe que os Artigos que estão na Lei 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil), que tratam da formação continuada dos professores da educação básica não estão sendo promovido de forma satisfatória para que esses profissionais da educação possam transmitir com eficiência um conhecimento seguro e reflexivo para seus alunos, e percebe-se que com a falta da aplicabilidade da lei corretamente, dificulta o aprendizado do aluno e vai favorecer quem está acima na camada superior da classe econômica a garantir a sustentação do poder.

Por último pode-se entender que a pandemia da COVID-19 só fez desmascarar algo que estava camuflado dentro da sociedade e do planeta, que submergiu na realidade em que todos precisavam entender que precisava ter crises epidêmicas e pandêmicas para ver a necessidade de uma nova política social. Portanto, é preciso recuperar o que não foi investido na história social, econômica e educacional, para poder enfrentar o que poderá vir no futuro em todas as vertentes, principalmente na saúde, na vida social e principalmente na preparação do homem com conhecimento educacional.

## Referências

ADORNO, S. Discriminação racial e justiça criminal em são paulo. *Novos Estudos*, n. 43, p. 45-63, nov. 1995.

ADORNO, T. W. *Minima moralia*: Reflexões a Partir da Vida Lesada. Rio de Janeiro: Azougue, 2008.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira. Resultado do ano de 2020. <http://ideb.inep.gov.br/resultado/> Acessado em 22/02/2021.

BRASIL. *Programa Internacional de Avaliação de Alunos-(PISA)*. Resultado da avaliação feita em 2019. <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/03/brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-matematica-e-ciencias-e-fica-estagnado-em-leitura.ghtml> Acessado em 22/02/2021.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

MBEMBE, A. As formas africanas de auto-inscrição. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 23, nº 1, 2001, pp. 171-209.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. Arte & Ensaios - Revista do ppgav/eba/ufrij | n. 32 | dezembro 2016.



NORONHA, J.C.; UGÁ, M.A.D. O sistema de saúde dos Estados Unidos. BUSS, P.M. and LABRA, M.E. (Orgs). *Sistemas de saúde: continuidades e mudanças* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1995.

NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de Pesquisa*, v.47 n.166 p.1106-1133 out./dez. 2017.

RAMOS, K.C.B. *Sistema Único de Saúde Brasileiro X Sistema de Saúde Norte Americano: Um Estudo Comparativo*. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Gestão Pública, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gestão Pública.

[https://riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/5672/KLYSSIA\\_CAMARA\\_BRANDAO\\_RAMOS-%5b46738-11301-1-688448%5dKLYSSIA\\_-\\_TCC\\_-\\_VERSAO\\_POS\\_DEFESA.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/5672/KLYSSIA_CAMARA_BRANDAO_RAMOS-%5b46738-11301-1-688448%5dKLYSSIA_-_TCC_-_VERSAO_POS_DEFESA.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acessado em: 22 fev.2021.



Sua participação e apresentações de trabalhos abrilhantaram o ii colóquios de políticas e gestão da educação

**ESPERAMOS VOCÊS NO III COLÓQUIOS DE 24 A 27 DE MAIO DE 2022.**

# 2022

## III COLÓQUIOS DE POLÍTICAS E GESTÃO DA EDUCAÇÃO ONLINE

Planejamento educacional em debate: políticas públicas e desafios



24 a 27 de maio de 2022

**Presenças confirmadas:**

- Profa. Dra. Euzângela Alves da Silva Scaff - UFRR
- Maria Alice de Miranda Aranda - UFGD;
- Profa. Dra. Selma de Carvalho Fonseca - UNASP
- Palestrantes internacionais a confirmar



**MINHA AGENDA:**

**2022 VOU PARTICIPAR DOS COLÓQUIOS UFSCAR SOROCABA ONLINE**

Informações: [geplageufscar@gmail.com](mailto:geplageufscar@gmail.com)

Comissão Organizadora III Colóquios

<https://doity.com.br/iii-coloquios-de-politicas-e-gestao-da-educacao>